

## **Mulheres de Jataí no século XIX: as vozes silenciadas**

Divina Maria dos Santos Ceregatti

O século XIX no Brasil caracterizou-se por inúmeras transformações, reflexo direto da chegada da família Real à sua colônia ultramarina em 1808, que neste ano de 2008 comemora o bicentenário de sua transferência para o Brasil. Além disto, temos também neste século a declaração de independência do Brasil, 1822, pelo então príncipe regente Dom Pedro I, a abolição da escravidão em 1888, assinada pela princesa Isabel e a proclamação da república em 1889 pelo Marechal Deodoro da Fonseca, encerrando o efervescente século XIX no Brasil.

É dentro deste contexto que estão inseridas as várias transformações sociais, econômicas e políticas ocorridas no Brasil oitocentista, dentre elas a fase final do processo de expansão do território brasileiro. É essa última fase da expansão territorial que nos interessa indiretamente, em especial a frente de ocupação do sudoeste goiano.

A ocupação da região sudoeste é originária da pecuária extensiva nas planas terras às margens dos rios Claro e Ariranha, na província de Goyaz, propícias à criação de gado. O povoamento do local se deu através de dois grupos de desbravadores (Vilela e Carvalho) oriundos de Minas Gerais e São Paulo. Em setembro de 1836, chegaram à região da atual Jataí os pioneiros Francisco Joaquim Vilela e seu filho José Manoel Vilela (mineiros), que adentraram a região e montaram uma fazenda de criação de gado, às margens dos rios Claro e Ariranha.

Um ano depois (1837) chegou também o jovem paulista José de Carvalho Bastos, acompanhado de sua esposa Ana Cândida Gouveia de Moraes, estabelecendo-se às margens do Ribeirão Bom Jardim. Esses dois grupos de pioneiros constituíram o cerne do povoamento de Paraíso, hoje cidade de Jataí. Em 1848 o casal Francisco Joaquim Vilela e Genoveva Maximina Vilela, um dos casais de pioneiros fizeram uma doação de terras à Igreja, que construiu no terreno doado a Capela do Divino Espírito

Santo, o documento de doação foi lavrado no dia 13 de maio de 1848. Foi ao redor desta capela que se desenvolveu o primeiro núcleo de povoamento urbano que deu origem à atual cidade de Jataí. Então, o foco principal dessa pesquisa é a frente pioneira de ocupação do sudoeste goiano.

Pretende-se, portanto, com esta pesquisa resgatar a memória das pioneiras da cidade, reconhecendo a participação das mulheres na constituição da sociedade jataiense, e através destas analisar o significado da inserção das mesmas na sociedade em geral. Intenta-se ainda fazer um levantamento sobre a documentação dos primórdios da cidade, existentes nos cartórios ao qual pertencia esse município e arquivos em geral, tencionando averiguar se a ausência de documentação sobre as mulheres pioneiras é real ou mera questão de organização de arquivos, estando esse material arquivado em outro local, em função da mudança de status da cidade (hoje município independente).

O interesse por esse tema surgiu da percepção de uma ausência de relatos sobre as mulheres pioneiras no corpo documental encontrado nos cartórios da cidade. Diante de amplo silêncio sobre o papel e a participação da facção feminina nos primórdios da formação da cidade decidimos averiguar essa ausência instigando a fala silenciosa dessas desbravadoras. Desta forma o nosso corpo documental é constituído pelo romance histórico, *Pioneiros* de autoria de Basileu de Toledo França (1954), documentação sobre a doação de terras, à capela supracitada, documentos dos arquivos civis e de registro, documentos da igreja católica e documentos de famílias – as mais antigas de Jataí. Pouca coisa se encontra no acervo do Museu Histórico de Jataí, mas esta maça documental nos será, de início de grande valia.

Então analisar a participação feminina na frente de ocupação da região de Jataí no início do século XIX, enfatizando a influência das mulheres dos desbravadores na formação da célula *mater* da sociedade; mostrar como as historia de vida destas mulheres pioneiras se entrecruzam com a circulação de riquezas geradas pela bem sucedida

criação extensiva de gado associado à agricultura nas terras férteis da região e, o nascimento da Vila Paraíso, Capitania de Goyaz, hoje atual Jataí, é nosso primeiro objetivo.

Vamos descrever como as mulheres que integravam o núcleo pioneiro de povoação de Paraíso colaboraram na formação da atual sociedade jataiense. Queremos identificar aspectos da vida dessas pioneiras, analisando e refletindo sobre o silêncio das fontes documentais, existentes nos cartórios da região.

Essa pesquisa tem como base teórica fundamental a História de Gênero defendida pela autora Vânia Carneiro de Carvalho que inseriu as mulheres nas pesquisas históricas transformando-as em sujeitos e objetos da História. A História de Gênero é influência indireta da Escola dos *Annales*, pois não fazia parte da proposta inicial da Nova História. Foi através da ampliação documental elaborada pelos *Annales* que se originou uma nova forma de ver, interpretar e escrever a História, possibilitando assim o surgimento de novos objetos, novos problemas, novas abordagens, dentre estas o universo feminino.

A metodologia utilizada nesta pesquisa embasa-se em análises documentais (o romance histórico *Pioneiros* e o documento de doação de terras à Igreja) e na reflexão bibliográfica sobre o tema proposto. Poderemos também nos beneficiar dos testemunhos vivos, ou seja, as fontes orais sobre a vida destas pioneiras além das obras literárias bibliográficas nas quais aprofundaremos nossa pesquisa.

Qual teria sido a participação feminina na frente de ocupação de Jataí no início do século XIX, especialmente qual teria sido a influência das mulheres dos desbravadores na formação da célula *mater* da sociedade de Paraíso, hoje atual cidade de Jataí? Seriam essas mulheres movidas pelo temor da fé na indissolubilidade do casamento diante da concepção de que a família é sagrada e intocável? Tornar-se-iam submissas por terem consciência da força que tinham para perpetuação da família e na sociedade diante de um sistema patriarcal?

Queremos estudar mais especificamente o núcleo feminino que participou da fundação da cidade de Jataí, enfatizando os primórdios embrionários da atual cidade de Jataí, que constitui o nosso recorte espacial, tendo o século XIX como recorte temporal desta análise.

O núcleo feminino que constitui o objeto de pesquisa deste trabalho é formado por Dona Ana Cândida Gouveia de Moraes (esposa do Sr. José de Carvalho Bastos) Dona Maria Mendes de Brito (esposa do capitão José Joaquim Vilela); Dona Leocádia Perpétua da Silveira (esposa do Sr. José Manoel Vilela) e Dona Genoveva Maximina Vilela (esposa do Sr. Francisco Joaquim Vilela). Desta forma, o nosso objetivo é demonstrar que a história dessas mulheres não constitui somente um adendo à história de Jataí, mas figuram-se como produto e produtoras de História, tendo em vista que as mulheres constituem-se como sujeito e objeto da História.

A ocupação da região é originária da pecuária extensiva nas planas terras às margens dos rios Claro e Ariranha, na província de Goyaz, propícias à criação de gado. O povoamento do local se deu através de dois grupos de desbravadores (Vilela e Carvalho) oriundos de Minas Gerais e São Paulo, que se uniram no ideal de desbravarem o serrado ainda virgem preparando a terra para nela depositarem as sementes para o cultivo dos grãos, bem como a preparação do solo para dar lugar às pastagens, iniciando-se assim a atividade agropecuária.

A cidade de Jataí constitui-se na última fase da expansão do gado que, vindo da Zona Leste do Brasil, através do rio São Francisco, tomou conta de Minas Gerais e veio até Goiás e Mato Grosso.

Em setembro de 1836, Francisco Joaquim Vilela e seu filho José Manoel Vilela, procedentes de Espírito Santo dos Coqueiros, município de Lavras do Funil, hoje cidade de Coqueiral, Estado de Minas Gerais, entraram pelo leste, através de Rio Verde nos sertões do sudoeste goiano, onde montaram uma fazenda de criação de gado, às margens dos Rios Claro e Ariranha.

Em 1837, o jovem José de Carvalho Bastos, proveniente de Franca, São Paulo, acompanhado de sua esposa Ana Cândida Gouveia de Moraes,

chegou à região através de Santana do Paranaíba, em busca de boas terras goianas e se instalou às margens do Ribeirão Bom Jardim.

Do encontro dos dois pioneiros ficou acertado amigavelmente, de modo definitivo, simples e prático, que as terras banhadas por águas da margem esquerda do Ariranha, pertenceriam aos Vilelas, e as percorridas por afluentes do Bom Jardim, seriam dos Carvalhos.

Posteriormente formou-se então o primeiro núcleo de povoação, com terreno doado por Francisco Joaquim Vilela e sua mulher Genoveva Maximina Vilela, recebendo o nome de Paraíso.

Em 17 de agosto de 1864, o Presidente da Província de Goiás elevou a categoria de Freguesia, a Capela do Divino Espírito Santo de Jataí, criando assim o Distrito de Paraíso de Jataí.

Em 09 de julho de 1867, foi lançada a pedra fundamental da Igreja, pelo padre Antônio Marques Santarém.

Em 28 de julho de 1882 de acordo com a resolução nº 668 foi lançada a pedra fundamental, criando o município de Paraíso.

Em 02 de fevereiro de 1885 recebeu o nome de Jataí. No entanto, foi através da Lei Estadual nº 56 de 31 de maio de 1895, que a sede do município se elevou à categoria de cidade de Jataí, por imposição do Tenente Coronel José Manoel Vilela. A comarca de Jataí foi implantada em 21 de julho de 1898 desmembrando-se judicialmente de Rio Verde.

Esta história de 170 anos não é, como qualquer outra, linear e sim lacunar. Não foi feita só de grandes nomes. “Quem construiu Tebas das sete portas?” – perguntava o “leitor operário” de Brecht. E nos perguntamos quem construiu as casas dos primeiros pioneiros?

Este projeto não tem a pretensão de fazer uma história total do município de Jataí, têm somente a intenção de salvar do esquecimento os feitos da gente que habitou, no passado, o município, quer apenas resgatar a memória desses pioneiros que exacerbando o espírito de desbravador transformaram um sertão desconhecido e inexplorado, lutando pelo direito de fazê-lo reconhecido e independente. Para garantir a defesa da identidade de Jataí. É, sobretudo preservar histórias que estão

perdidas nas dobras do tempo e dos textos dos cartórios. Nas atas do poder legislativo, atos do poder executivo, livros de igrejas, correspondências pessoais, diários pessoais, objetos do cotidiano, rezas populares, receitas de remédios caseiros, pontos de bordado e uma infinidade de marcas que o humano deixou nos caminhos que percorreu e que são caras ao historiador da cultura.

Na realização do presente trabalho procuraremos atingir o objetivo previsto de que o desvendar dessas histórias ajudará aqueles de nós nascidos de origem humilde e rural, de que todos têm um passado, de que viemos de algum lugar e, que daqui a alguns séculos se não deixarmos documentos, nossa história será mais um elo perdido na recriação de nossa história. Evitaremos exceder o proposto contentando-nos com o objetivo de desvendar tudo a aquilo que possa esclarecer certos aspectos obscuros da história de Jataí referentes aos primórdios de sua colonização e de sua evolução econômico na região em meio a todos os problemas efervescentes do século XIX que a atingia, e seus efeitos tais como a mão-de-obra agrária escravista, e a Guerra do Paraguai.

São as dobras mais do que as retas que queremos visitar com esta pesquisa, pois ao revirar os arquivos do Museu tomaremos, irremediavelmente, contato com uma multidão de “espectros” que não quer se calar, com um passado que não quer passar.

Apossamos-nos aqui da fala de Walter Benjamin de que “nada do que aconteceu deve ser perdido para a história”. E como ele concluímos que “só a humanidade redimida, o passado pertence inteiramente”.

Esperamos que a escolha do tema desta pesquisa possa possibilitar o entendimento da especificidade das experiências da pesquisa histórica em todos os seguimentos da cultura na sociedade brasileira de hoje como um ponto de partida para outros temas igualmente amplos.

## **Referências Bibliográficas**

### **Fontes primárias impressas**

*Documento de doação de terras à igreja, Cartório de Registro Civil sito à Rua Riachuelo s/n Vila Fátima – Edifício do Fórum Viviane Carvalho Morais Cardoso Titular designada.*

FRANÇA, Basileu Toledo. *Pioneiros*. Goiânia: Editora da UFG, 1995 (344p). (Col. Documentos Goianos, 30).

### **Bibliografia utilizada**

AB'SABER, Aziz N. e COSTA JÚNIOR, Miguel. Contribuição ao estudo do Sudoeste Goiano. *Boletim Paulista de Geografia*, 2(4): 3-26. São Paulo: 1950.

ALVES, Tatiana Batista. Literatura e História como reinvenções do passado. In:\_\_\_\_\_. *A reinvenção do passado e o novo romance histórico brasileiro*. Disponível em: [www.planeta.terra.com.br/arte/ergosun/orientando06.htm](http://www.planeta.terra.com.br/arte/ergosun/orientando06.htm). Acesso em 01 de março de 2007.

ALMEIDA, Adilson José de. *Vestuário e gênero: história e sexo*, In: SAMARA, Eni de Mesquita (org.). *Trabalho Feminino e Cidadania*, São Paulo, Humanitas/FFLCH/USP, 1999.

BARBOSA, Altair S.; RIBEIRO, Maira B.; SCHMITZ, Pedro Ignácio. Cultura e ambiente em áreas de cerrado do sudoeste de Goiás. In: NOVAES PINTO, Maria (org.). *Cerrado: caracterização, ocupação e perspectivas*. 2.ed. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1993. p. 75-108.

CARVALHO, Vânia Carneiro de. *O sexo das coisas: a produção da diferença entre os gêneros*, In: SAMARA, Eni de Mesquita (org.). *Trabalho Feminino e Cidadania*. São Paulo, Humanitas/ FFLCH/USP, 1999.

DESCARRIES, Francine. *Teorias femininas: liberação e solidariedade no plural*. *Textos de História*. Brasília, V. 8, p. 9-44, 2000.

DEL PRIORE, Mary (org.). *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo, Contexto, 1997.

DIAS, Maria Odila Silva. *Quotidiano e São Paulo*, Brasiliense, 1984.

OLIVEIRA, Ivanilton José de. *Dinâmica da ocupação das terras no município de Jataí (GO) e sua relação com o meio físico*. *Boletim Goiano de Geografia*. Goiânia - Goiás - Brasil v. 27 n. 2 p. 153-179 jan. / jun. 2007.

DIEHL, Astor Antônio. *Cultura historiográfica memória, identidade e representação*. Bauru: Edusc, 2002.

EPPLE, Angelika. Gênero e a espécie da história. In: MALERBA, Jurandir (org.). *A história escrita: teoria e história da historiografia*. São Paulo: contexto, 2006. p. 139-156.

FARIA, Keila Maria de. Teatro e gênero: uma breve reflexão. In: *Medéia e Méliッサ: representações do feminino no imaginário ateniense do século v a. C.* Dissertação (Mestrado em Culturas, Identidades e Fronteiras) – FCHF. Universidade Federal de Goiás. Goiânia: 2007.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.

IBGE. FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Enciclopédia dos municípios brasileiros*. v.36. Goiás. Rio de Janeiro: IBGE, 1958.

MACHADO, Vilma de F. *Sudoeste de Goiás: desenvolvimento desigual*. Dissertação (Mestrado em História das Sociedades Agrárias)-ICHL. Universidade Federal de Goiás. Goiânia: 1996.

PALACÍN, Luís; MORAES, Maria Augusta de S. *História de Goiás: 1722-1972*. 6.ed. Goiânia: Ed. da UCG, 1994. 122p.

*Revista METAS*. n.45, Jataí: junho de 1995. s.d.e.

SAMARA, Eni de Mesquita (org.). *As idéias e os números do gênero*. São Paulo, Hucitec, 1997, pp. 23-62;

SCHMITZ, Pedro Ignácio. A história do velho Brasil. *Revista Ciência Hoje*. Vol. esp. Maio-1992. p.94-102.